

## As migrações do século XXI

Há cem anos da morte do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, a migração tornou-se um fenômeno planetário, que envolve com partida, trânsito ou chegada todos os países do mundo. Em nível global, 214 milhões de pessoas vivem fora do próprio país de origem. Entre elas, estão incluídos 15,2 milhões de refugiados e 983.000 requerentes de asilo.

Acrescenta-se, a este movimento internacional, o número de 27,1 milhões de deslocados, forçados a fugir de uma região a outra, dentro de seu país, e o incalculável número de migrantes internos, que se deslocam, especialmente das zonas rurais, rumo à periferia das imensas megalópoles.

A migração é feita de muitos números e estatísticas que crescem sempre mais, mas, principalmente, é feita de rostos, histórias, esperanças e de muitos “porquês?”, que remetem aos dramas atuais da humanidade. Na era da globalização, a economia visa cada vez mais a transpor as fronteiras de cada país: as forças econômicas, livres de qualquer vínculo aplicado pelas políticas dos estados nacionais, agem autonomamente. A atual ordem econômica global não deixa vislumbrar um futuro de maior justiça, democracia e distribuição dos bens. Ao passo que se difunde no mundo inteiro uma única cultura niveladora, que coloca ao centro o lucro e a lei do mercado, afirmam-se novas ideologias totalitárias, que se alimentam dos fundamentalismos religiosos e do retorno fanático sobre as próprias raízes étnicas.

O atual e crescente estímulo a emigrar, portanto, tem como causa: o aumento da desigualdade social e econômica entre o Norte e o Sul do mundo; a falta de perspectiva no âmbito da formação e do trabalho para muitos jovens; as catástrofes naturais e ecológicas; o desequilíbrio demográfico entre os diversos continentes; as guerras; a perseguição política, étnica e religiosa; o terrorismo; a violação dos direitos humanos.

Se fortes são os fatores de expulsão, também exercem a mesma força os fatores de atração despertando em muitos o sonho de partir: a difusão, através dos meios de comunicação, do modelo de sociedade do bem-estar social ocidental; o chamado dos compatriotas que já emigraram; o recrutamento das organizações do tráfico humano.

Simultaneamente, a competição internacional em vista da admissão de técnicos e profissionais de alto nível, dá origem às migrações qualificadas (fugas de cérebros), que empobrecem os países de origem de pessoal necessário para o progresso econômico e social. A humanidade parece dividida em duas categorias: as novas elites supranacionais dos viajantes, que podem alcançar todos os lugares sem prestar atenção a fronteiras e confins, e a grande parte das pessoas, que, ao deslocar-se, fazem-no apenas para sobreviver, arriscando a vida para ultrapassar fronteiras, ou ao invés, permanecendo ancoradas a um território, e até mesmo, dentro de espaços delimitados como os campos de refugiados. Com efeito, a liberdade de movimento que hoje vale para os bens financeiros, os produtos e os serviços, não é universalmente reconhecida para as pessoas.

Em toda parte do mundo, a insegurança gera nas populações locais o medo em relação aos migrantes, e leva os governos a elaborarem leis sempre mais restritivas em relação a eles.

Como conseqüência, assiste-se ao aumento dos clandestinos (de 2,5 a 4 milhões ao ano). Atualmente, a imigração irregular é, neste sentido, um fenômeno estrutural em todas as regiões do mundo. Disso, especialmente, tiram vantagem as organizações internacionais do tráfico

humano, enquanto quem paga as conseqüências da travessia ilegal das fronteiras são os imigrantes e refugiados, às vezes, com a própria vida.

Ainda mais desumano é, assim chamado, o “tráfico de pessoas”, que alicia milhares de mulheres e crianças a cada ano, obrigadas à prostituição ou ao trabalho servil, em condições de verdadeira escravidão.

Também João Batista Scalabrini viu os dramas de seu tempo: uma época de grandes transformações entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Milhares e milhares de italianos, e outros europeus, deixavam, então, o seu país por causa da pobreza e iam ao encontro das incertezas e dos sofrimentos da migração. João Batista Scalabrini poderia ter se limitado à compaixão por tão grande dor, mas ao contrário, fez-se a pergunta: “Como intervir?” Assumiu a responsabilidade pelos migrantes que via, agindo em favor deles em muitos níveis. Mas, não só agiu. Juntamente às ações concretas, ele amadureceu uma visão profética que deixou como herança a toda a Igreja, e que alcança também a nós, hoje. Ele percebeu que, no sofrimento da emigração, com todos os problemas e dificuldades que esta traz consigo, esconde-se algo de positivo, um germe de futuro. Esta visão não nasce somente de considerações históricas e sociológicas. É, principalmente, graças à fé na morte e ressurreição de Cristo, que ele vê o plano de Deus operando na história humana. É convicto que, exatamente através do sofrimento e desenraizamento dos migrantes, através do encontro, e às vezes, do desencontro entre culturas e mentalidades, está se preparando um mundo novo, no qual pessoas e povos se descobrem entre eles pertencentes à única família da humanidade, dentro da qual não reina a uniformidade, mas é possível viver a comunhão entre as diversidades, à imagem do Deus Trindade.

O mundo da mobilidade humana tornou-se hoje, talvez, ainda mais complexo e atinge todos: migrantes e autóctones. A emigração representa um componente importante da crescente interdependência entre todas as nações. Também por causa dos movimentos migratórios, resulta evidente que todos os homens “viajam sobre um único navio”, isto é, vivem em um único mundo. O nosso destino está cada vez mais ligado ao destino de todos. As intuições de João Batista Scalabrini permanecem, portanto, muito atuais, e motivam a Família Scalabriniana a empenhar-se pela convivência construtiva entre as diversidades no interior da sociedade, para uma autêntica comunhão na Igreja e para a promoção da justiça e da paz no mundo.